**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (PIBID): TRABALHANDO A PLURALIDADE CULTURAL A PARTIR DA CAPOEIRA**

LORENA CHAVES TEIXEIRA GAMA[[1]](#footnote-0)

BRENDA FLÁVIA SOUZA DE FARIAS[[2]](#footnote-1)

BRUNO HENRIQUE DIAS DA SILVA[[3]](#footnote-2)

VIVIANE NASCIMENTO DOS SANTOS4

**Resumo**

O artigo busca discutir possibilidades de trabalho da pluralidade cultural a partir da capoeira, tendo como referência as experiências realizadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência na Escolas Estadual Dom Carlos Coelho e Municipal Claudino Leal. Para tal utilizamos os relatos feitos em diários de campo e o material produzido para o planejamento das aulas, além da realização de pesquisa sobre os temas. O foco da sistematização das aulas, norteadas pela Pedagogia Histórico-Crítica, partiu de proposta de reflexão acerca do contexto histórico-cultural da capoeira.

Palavras Chave: educação física escolar; capoeira; pluralidade cultural.

**INTRODUÇÃO**

A capoeira é uma manifestação cultural tipicamente brasileira que circula entre as características da luta, da dança, do jogo e também do esporte. A história da capoeira se mistura ao passado colonial do Brasil, uma vez que teria sido aqui pelos negros trazidos como escravos pelos colonizadores, oriunda de uma mistura de culturas onde expressões corporais e musicais proporcionavam um melhor diálogo entre os diferentes povos.

Adorno afirma que o que era de início uma tradição tribal transformou-se “numa arma de ataque e defesa que os ajudou a subsistir e a impor-se num meio hostil (...) dançar, batucar, rezar e cantar eram modos encontrados para alívio da asfixia da escravidão” (p.25).

A capoeira é um modo de manutenção da cultura africana, um movimento de resistência dos negros escravos que os permitia se unir no enfrentamento às dores que lhes eram infligidas. Nessa época, se tornou uma ferramenta de defesa pessoal, se confundindo com as características da luta, que eram disfarçadas pela musicalidade e dança. Os escravos não tinham acesso a qualquer arma branca ou outra coisa que pudessem usar para se proteger, e a capoeira, cujo um dos movimentos principais é de esquiva (a ginga), os ajudava no fortalecimento e desenvolvimento de habilidades para estes se protegerem de ataques. O teor das rodas era mudado com o toque do berimbau, que daria um ritmo diferenciado com a percepção da chegada de algum senhor de engenho, estimulando a exploração das características da dança e/ou jogo desta para mascarar a luta.

Mesmo após a abolição da escravatura no Brasil em 1888, em 1890 a capoeira foi incluída no Código Penal da República como uma atividade proibida por lei. O artigo 402 do capítulo XIII (Dos Vadios e Capoeiras) implica prisão de dois a seis meses daquele que fizer “... nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e de destreza corporal conhecida pela denominação de capoeiragem” (Lopes, 1999, p.46). Esta, cujo ensino era uma das principais fontes de sustento dos negros após a liberdade, foi criminalizada, e sofre com as marcas deste processo até hoje. O racismo deu teor à marginalização das atividades da cultura negra (danças, ritos e cultos), antes desenvolvidas nas senzalas, que passaram a ser alvo de repressão do governo e de uma sociedade preconceituosa, que não entendia a igualdade de direitos.

Apenas em 1934, no governo de Getúlio Vargas, foi regulamenta a prática livre da capoeira e de outros cultos afro-brasileiros (Adorno, 1999, Capoeira, 2001, Silva, 2003). Mas a realização dessas manifestações foi restrita a locais fechados e devidamente registrados, tirando-as das ruas e contando com supervisão policial. Para tentar quebrar os paradigmas preconceituosos e difundir a capoeira com mais eficácia, em 1930 Mestre Bimba criou a primeira academia de capoeira em Salvador, introduzindo a esta elementos de outras lutas para que fosse possível agregar mais pessoas da sociedade com a inclusão de elementos de outras culturas, dando origem à Capoeira Regional. Esta academia, Centro de Cultura Física Regional, recebeu o alvará de funcionamento em 1937, e foi de extrema importância para a disseminação da capoeira no Brasil e no mundo.

Em contrapartida, em um movimento de resistência pela manutenção das formas originais e tradicionais da prática da capoeira, Mestre Pastinha aparece com a chamada Capoeira Angola. Esta buscava preservar as raízes, a ludicidade e a ritualidade colocadas em segundo plano na regional. Pastinha funda em Salvador, Bahia, em 1941, o Centro Esportivo de Capoeira Angola (Lopes, 1999).

Com a disseminação da capoeira e a introdução do sistema de graduação promovidos por Mestre Bimba, a capoeira obteve aspectos mais comercializáveis e começou a passar por um processo de descriminalização, permitindo que esta passasse também a ser considerada um esporte. Hoje em dia é mais comumente descrita como jogo - a expressão jogar capoeira é a mais popularizada. Porém, como define Silva (2003, p.35), a capoeira é bem mais do que um jogo atlético: “é dança e luta, brincadeira e combate, mandingueira e objetiva, malandra e vadia: capoeira é a resistência de um povo integrado à massa, é cultura, é raça, enfim, é um fenômeno inacabado”.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a temática Pluralidade Cultural diz respeito ao “conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal.”

Desta forma, este é um assunto transversal fundamental que pode ser abordado em diferentes disciplinas e eixos, bem como na Educação Física Escolar, e que, de acordo com o documento do PCN disponibilizado pelo MEC, “propõe uma concepção que busca explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira, compreender suas relações, marcadas por desigualdades socioeconômicas e apontar transformações necessárias, oferecendo elementos para a compreensão de que valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação”.

O documento faz referências históricas ao combate à discriminação em relação à população negra e considera a escola como espaço positivo para a aprendizagem sobre a diversidade e as questões específicas da raça negra, apontando-se a necessidade de formação de professores capacitados para trabalharem com as diversidades e combater as desigualdades. Portanto, a Pluralidade Cultural é uma diretriz curricular que norteia o programa curricular da escola.

**METODOLOGIA**

Para a elaboração deste foram utilizados os relatos de experiência registrados em diários de campo, o material produzido para o planejamento das aulas (planos de ensino e aula) e os registros fotográficos destas, além da realização de pesquisa qualitativa, análise documental (BNCC, Parâmetros Curriculares de Pernambuco, Parâmetros Curriculares Nacionais) e revisão literária sobre os temas. O foco da sistematização das aulas, norteadas pela abordagem Pedagógica Histórico-Crítica, partiu de proposta de reflexão acerca do contexto histórico-cultural da capoeira, e buscando promover, também, a experimentação desta enquanto elemento da cultura corporal do movimento.

**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Amplamente definida como "a nova sociologia da educação" ou uma "teoria crítica da educação", a pedagogia crítica examina as escolas nos seus contextos históricos e também como parte do tecido social e político existente que caracteriza a sociedade dominante. Ela apresenta uma variedade de contralógicas importantes à análise positivista, não-histórica e despolitizada utilizada por críticos liberais e conservadores da escolarização.

No entanto, a pedagogia crítica não constitui um conjunto homogêneo de ideias, é mais correto dizer que seus teóricos estão unidos em seus objetivos: fortalecer aqueles sem poder e transformar desigualdades e injustiças sociais existentes. Os teóricos educacionais críticos argumentam que os professores devem entender o papel que a escolarização representa ao unir conhecimento e poder, para usar esse papel no desenvolvimento de cidadãos críticos e ativos, e veem a escolarização como uma forma de política cultural, a escolarização sempre representa uma introdução, preparação e legitimação de formas particulares da vida social. Está sempre implicada em relações de poder e práticas sociais e favorecimento de formas de conhecimento que suportam uma visão específica do passado presente e futuro.

A pedagogia crítica é fundamentada na convicção de que a escolarização para habitação pessoal e social precede eticamente um diploma técnico, sendo este último basicamente relacionado à lógica do mercado (embora deva-se salientar que o desenvolvimento de habilidades, certamente, desempenha um papel importante). A preocupação com a dimensão moral da educação fez com que os teóricos críticos empreendessem uma reconstrução socialmente crítica do que significa “ser escolarizado”, e eles salientam que qualquer prática pedagógica verdadeira exige um compromisso com a transformação social em solidariedade com grupos subordinados e marginalizados, uma vez que eles acreditam que as propostas de escolarização empreendidas por críticos liberais e conservadores necessariamente favorecem os interesses de uma cultura dominante.

Esta busca oferecer aos professores e pesquisadores um meio de melhor entender o papel que as escolas de fato representam dentro de uma sociedade dividida em raça, classe e gênero. Teóricos críticos da educação, como Henry Giroux, argumentam que o currículo deve ser entendido como uma teoria do interesse e uma teoria de experiência. Por teoria de interesse ele quer dizer que o currículo reflete os interesses que o rodeiam: as visões particulares do passado e presente que eles representam, as relações sociais que eles afirmam ou descartam. Por teoria da experiência ele quer dizer que o currículo é uma narrativa historicamente construída que produz e organiza as experiências dos estudantes no contexto de formas sociais, tal como o uso da linguagem, organização do conhecimento em categorias de alto e baixo status e a afirmação de tipos particulares de estratégias de ensino.

As teorias críticas são dialéticas, e o pensamento dialético envolve procurar contradições (como a contradição da opressão oculta de estudantes menos capazes por um sistema que almeja ajudar todos os estudantes e a obterem seu “potencial total”, mas não é realmente tão inexpressivo ou mecânico como a fórmula de tese-antítese-síntese. O educador crítico está interessado no que Habermas chama de conhecimento emancipatório, que tenta reconciliar e transcender a oposição entre conhecimento técnico e prático, nos ajudando a entender como os relacionamentos sociais são distorcidos e manipulados por relações de poder e privilégio.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular,

“Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade.”

O documento descreve ainda as seis unidades temáticas a serem trabalhadas na Educação Física, e pontua que a de lutas focaliza as disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário. Dessa forma, além das lutas presentes no contexto comunitário e regional, podem ser tratadas lutas brasileiras (como a capoeira), bem como lutas de diversos países do mundo.

Apesar de a capoeira ser citada no documento apenas na temática de luta, partimos do entendimento que a capoeira não se restringe a esta e seus conceitos se confundem com dança e jogo, e pontuamos que segundo a BNCC a unidade temática de dança explora o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, características que também são encontradas na capoeira a partir de sua musicalidade e movimentos, como por exemplo a ginga, movimento repetitivo de colocar a mão direita para frente e a perna direita para trás, e em seguida fazer o mesmo com o lado esquerdo do corpo, sincronizando o movimento com o ritmo do berimbau, que dá base para a execução de outros movimentos.

Em relação ao jogos e brincadeiras, o documento aponta a exploração de atividades voluntárias exercidas dentro de determinados limites de tempo e espaço, caracterizadas pela criação e alteração de regras. A capoeira pode ser entendida enquanto jogo, a partir do momento em que seus elementos são explorados de diversas formas que não só a tradicional roda, mas por meio de jogos populares, brincadeiras, dinâmicas. Os jogos são recriados pelos diversos grupos culturais. Mas, também é importante fazer uma distinção entre jogo como conteúdo específico e jogo como ferramenta auxiliar de ensino. Como aponta o documento, muitas vezes os jogos e brincadeiras são inventados com o objetivo de provocar interações sociais específicas entre seus participantes ou para fixar determinados conhecimentos, sendo este último tendo sido utilizado em nossa construção da unidade didática. Os jogos trazem consigo formas de conviver, oportunizando o reconhecimento de seus valores e formas de viver em diferentes contextos ambientais e socioculturais brasileiros.

Ainda sobre os documentos, os Parâmetros Curriculares para a Educação Física do Estado de Pernambuco também apontam a capoeira como tema da unidade de lutas. ressaltando sua importância justificando que, segundo o Coletivo de Autores (1992), esta expressa, em movimentos, a emancipação da luta do negro no Brasil escravocrata e trata-se de um conjunto de gestos, que representa a voz do oprimido em busca da libertação.

Nesse mesmo sentido, Cordeiro e Pires (In SOUZA JÚNIOR, 2005) afirmam que essa prática representa uma manifestação do povo brasileiro de origem negra e que historicamente vem sofrendo várias formas de preconceito e discriminação em nossa sociedade. Os autores apontam para a importância de abordá-la de forma histórica, à medida que os discentes venham a

perceber o espírito libertário de sua prática que é um misto de contrários: luta/jogo, afetividade/agressividade, sagrado/profano, caracterizando-se como uma recriação do mundo vivido, um lócus privilegiado para a inversão dos valores sociais excludentes. Isso porque na roda de capoeira não há, a priori, nenhuma vantagem dos jogadores; o que vai determinar um bom jogador é sua capacidade, no momento do jogo, de resolver as ‘questões’ colocadas: questões de movimento, questões que desafiam o raciocínio, a esperteza corporal dos capoeiristas que quanto mais conhecimento de si e de suas possibilidades e limites tiver, mais dono de si será, melhor jogador se apresentará e maior conhecedor do mundo se tornará (p. 210).

Em relação à sistematização do conhecimento da capoeira nas aulas de Educação Física, Cordeiro e Pires (In SOUZA JÚNIOR, 2005), citados no documento do Estado de Pernambuco, sugerem quatro temáticas centrais: a historicidade, a musicalidade, os gestos e os rituais.

A leitura destes documentos é de extrema importância para subsidiar o trabalho do professor de educação física, uma vez que temos que respeitar o currículo da escola e os planos e parâmetros que o regem.

Para além de um conteúdo programado, ou seja, um fim, entendemos a capoeira como um meio de debate da pluralidade cultural uma vez que sua história está diretamente ligada à cultura negra do Brasil, e como ferramenta para reflexão crítica acerca desta.

Desta forma, o objetivo deste artigo é discutir possibilidades de trabalho da pluralidade cultural a partir da capoeira, relatando como se deu o trabalho do conteúdo na Escola Estadual Dom Carlos Coelho e na Escola Municipal Claudino Leal, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID da Universidade de Pernambuco.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na Escola Dom Carlos Coelho, o conteúdo foi pensado inicialmente como Projeto Consciência Negra: o protagonismo afrodescendente na formação da identidade cultural brasileira, uma ação interdisciplinar promovida pela escola, onde cada disciplina atuou com intervenções relacionadas aos seus conteúdos, e posteriormente nas unidades didáticas do conteúdo luta. Na semana da consciência negra, a intervenção dos membros do subprojeto PIBID - Educação Física com a capoeira consistiu na realização de uma breve apresentação dos conceitos de capoeira e a realização de uma roda. Na unidade didática de lutas para turmas do 6º e 7º ano, o conteúdo iniciou a partir de uma apresentação acerca do histórico e o contexto sociocultural da capoeira desde os primeiros registros sobre sua criação à sua evolução e conceituação, bem como seus tipos (Regional e Angola). Em seguida, foram apresentados os instrumentos e discutida sua musicalidade, levando em conta os significados atribuídos aos instrumentos e às músicas (classificadas em corridos, quadra, chula e ladainha). Para conclusão desta aula, foram discutidos movimentos tradicionais levando em consideração os mais usuais em cada tipo. Na aula seguinte foi elaborado um exercício de fixação acerca dos conteúdos abordados na aula anterior, por meio de caça-palavras e cruzadinhas. Estes instrumentos foram adotados por serem dinâmicos e estimular o raciocínio de forma divertida para os estudantes. Na aula seguinte, os alunos participaram de uma experimentação prática de movimentos da capoeira por meio de algumas atividades. A primeira delas foi com a realização de movimentos e gestos de forma espelhada (em duplas), a segunda partiu de uma adaptação do jogo popular “pega congelou” onde os alunos congelados deveriam ficar em posição de cocorinha, e para serem descongelados seus companheiros deveriam realizar algum outro movimento da capoeira, ao invés de simplesmente tocá-los. Para finalizar, formamos uma grande roda de capoeira, com participação dos alunos, membros do PIBID e professora supervisora.

Para uma das residentes lotadas na escola: sobre a organização do conteúdo capoeira em nossa unidade didática de lutas, preciso começar enfatizando que até este momento de necessidade de ministrar as aulas eu nunca tive vivência efetiva com a capoeira, nem mesmo no curso de Licenciatura em Educação Física, assim como boa parte dos meus companheiros do PIBID. Portanto, foi um enorme desafio o trabalho com este conteúdo. O primeiro passo foi estudar sobre, buscando referências em artigos, nos parâmetros curriculares e outros documentos que pudessem nos ajudar não só no domínio do conteúdo como na materialização deste em sala de aula. Após esse momento, partimos para estabelecer uma sequência lógica das aulas, selecionando os eixos principais que seriam abordados em cada uma delas. A questão da pluralidade cultural surgiu inicialmente na semana da consciência negra, onde realizamos intervenções com danças e jogos populares afrodescendentes e a capoeira como referências para o debate acerca do racismo, e vimos a necessidade desta ser ainda mais discutida e promovida no ambiente escolar. Desta forma, buscamos provocar uma reflexão crítica dos alunos sobre a capoeira, tratando de sua história e características de forma aprofundada e atrelada às questões pontuadas na pluralidade cultural enquanto tema transversal. Acredito que as aulas foram um momento muito rico e bastante aprendizado, não só para os alunos, mas para nós futuros professores que também obtivemos um olhar diferenciado sobre o tema. Eu, negra, 24 anos, não conhecia a história da capoeira, que hoje enxergo como a minha própria história, do meu povo, e muitos dos nossos alunos também não tinham esse entendimento. Acredito que trabalhar a capoeira na escola é possibilitar não só o debate acerca das questões raciais e históricas da sociedade brasileira, mas dar aos alunos negros um senso de reconhecimento, identificação e pertencimento. E foi por me sentir tão abraçada por este conteúdo que o escolhi como objeto de estudo, com a esperança de inspirar mais pessoas a acolher a capoeira para dentro do ambiente escolar.

Para a outra residente: a preparação para estas aulas foi essencial, porque até então eu não tinha aproximação com a capoeira em si, e para a construção desta até sua conclusão foi um rico processo de aprendizagem, onde tive que pesquisar, ler, aprender sobre o assunto para poder ministrá-lo para os alunos. Após este processo, tudo fluiu tranquilamente, os alunos em si já tinha uma breve bagagem sobre a capoeira, que já estava inserida no meio em que eles vivem. Durante toda a aula tivemos uma troca de informações e até uma grande vivência prática da capoeira, que superou minhas expectativas sobre o assunto e as possibilidades de trabalho das questões propostas, e isto também é consequência da participação dos alunos nas aulas. O momento de formação da roda para conclusão do conteúdo foi definitivamente inexplicável, as diferenças socioculturais, raciais, de gênero e socioeconômicas foram totalmente insignificantes naquele momento, onde não tivemos qualquer tipo de distanciamento entre/com os estudantes, acredito que foi simplesmente sensacional poder vivenciar isso.

Na Escola Municipal Claudino Leal, também trabalhamos a temática capoeira na unidade didática de Lutas, onde abordamos diversas lutas como boxe, karatê, judô e então a capoeira, planejando para cada uma duas aulas. Entendemos estes tipos de luta como coincidentes em questão de valores relacionados à disciplina dos seus praticantes. A capoeira foi a que os alunos mas tinham conhecimento fora do âmbito escolar, alguns sendo praticantes, outros conhecendo quem a pratica, esta faz parte do contexto social da comunidade escolar que fica localizada em Tabajara, Olinda. Sendo uma luta com uma grande particularidade, como o fato de ser considerado não apenas luta, mas também dança e jogo, ter origem no Brasil, não ser uma luta de contato e ter nascido como resistência a capoeira tem um rico conteúdo para ser tratado na Educação Física Escolar. Nós buscamos explorar a história da capoeira, seu contexto em cada época e temas transversais como pluralidade cultural, contextualizando o racismo e seus movimentos. Acreditamos que a ação foi muito importante por sabermos que por ser uma escola municipal do subúrbio de Olinda esses temas rondam os estudantes diariamente, em casa, na rua ou na escola, bem como na sociedade de uma forma geral. Identificamos que houve boa aceitação e compreensão dos estudantes acerca da capoeira e suas especificidades, contribuindo assim para um processo de ensino-aprendizagem produtivo com todos os sujeitos da aula.

Para o residente lotado nesta escola: a experiência no PIBID foi a primeira com a capoeira fora da academia. Penso ter sido essa uma grande oportunidade de aprendizado como discente e futuro professor, tanto do conteúdo capoeira como as contribuições para o debate social, plural, cultural e crítico que trago como indivíduo na sociedade.

A partir das experiências e aulas ministradas podemos apontar algumas possibilidades de trabalho da pluralidade cultural a partir da capoeira, sendo essas: por meio de sua história; de sua musicalidade – pois a capoeira é riquíssima de ladainhas e cantigas com letras que trazem uma reflexão acerca de diversas questões como a escravidão, o racismo, o sexismo e ainda trazem os aspectos desta enquanto dança – por exemplo, a famosa “Canto das Três Raças”; por meio de jogos como “negro fugido/escravo fujão” – uma espécie de pega onde os esquivas representam escravos, a área representa o quilombo e os pegas representam os senhores de engenho, que retratam uma realidade vivida na época da escravidão e as relações de poder presentes na sociedade; por meio de jogos de enfrentamento – abordando o aspecto da luta.

É importante o interesse do professor em buscar formas criativas de instigar a reflexão crítica dos alunos por meio de atividades lúdicas e dinâmicas que os permitam desenvolver também os aspectos motores, e a capoeira pode contribuir significativamente para formação do licenciado em Educação Física, especialmente na ampliação de seu acervo cultural e das possibilidades de intervenção no âmbito da cultura corporal.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Graça (1987), afirma que a capoeira enquanto instrumento de educação apresenta-se com amplas possibilidades quanto à formação do homem contemporâneo, principalmente no que se refere à integração dos aspectos físicos, psicológicos e sociais, bem como quanto a transnacionalidade, indispensável ao exercício crítico da cidadania. Campos (1990) afirma que a capoeira é um valioso instrumento para formação integral do aluno pois interliga aspectos como cultura, história e arte. Reis (2001) descreve que professores de educação física, pedagogos e educadores estão tentando legitimar a capoeira como instrumento de educação, onde colabore com a visão ampliada de um processo educacional crítico, reflexivo e contextualizado com ideais de promoção de cidadania. Mas não é tão simples a introdução e abordagem da capoeira na escola.

Ainda hoje marginalizada, embora não criminalizada, a prática da capoeira é bastante restrita no ambiente escolar, pouco promovida e até mesmo proibida em alguns locais, ou, quando disponibilizada ou trabalhada enquanto conteúdo, uma parcela de estudantes têm sua participação negada por pais ou líderes religiosos que a interpretam como símbolo de violência ou a associam diretamente a religiões de origem africana, mesmo que sua prática não tenha relação direta com estas.

Isto acontece como efeito histórico da repressão enfrentada pela cultura negra, que mesmo liberta oficialmente, na prática ainda é extremamente reprimida – quando não explicitamente, por meio do racismo velado que julga e oprime elementos desta cultura. Cabe a nós, professores, assumirmos a linha de frente na busca pela garantia da valorização da capoeira enquanto conteúdo de ensino. Como diz Silva (1993), o capoeirista desenvolve a criatividade, devendo primar pelo respeito e pela camaradagem, jogando dentro das regras para se recrear e não para testar capacidades, tendendo assim, a desenvolver de forma integrada os três domínios de aprendizagem do ser humano: psicomotor, afetivo-social e cognitivo.

Além disso, é importante ter a clareza e a responsabilidade ao tratar do assunto, buscando proporcionar a reflexão crítica dos alunos, uma vez que ao separarmos a capoeira de sua história, nós a destruímos enquanto elemento de cultura brasileira e a transformamos em mais um momento de alienação através da técnica esportiva (VIEIRA, 1995, p. 25). Por estar diretamente ligada à história do negro no Brasil, a capoeira nos permite um aprofundamento no que diz respeito à Pluralidade Cultural enquanto assunto a ser abordado pela necessidade de reconhecimento dos diferentes aspectos étnicos, culturais e socioeconômicos da sociedade, que são refletidos diariamente no ambiente escolar.

**REFERÊNCIAS**

MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira. **A pluralidade cultural e a proposta pedagógica na escola – Um estudo comparativo entre as propostas pedagógicas de uma escola de periferia é uma escola de remanescentes quilombos.** Tese (Mestrado em educação) - Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2004.

DINIZ, Irlla Karla dos Santos; DARIDO, Soraya Cristina; FIORAVANTI, Cinthia Andressa Araújo. **DANÇA E PLURALIDADE CULTURAL: possibilidades pedagógicas para a Educação Física escolar.** ev. ARQUIVOS em MOVIMENTO, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.85-101, jul/dez.2013.

JANNUZZI, Luciano. **“Nas voltas que o mundo deu, nas voltas que o mundo dá” Capoeira: Dança, Luta, Jogo, Arte ou Educação Física?.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Educação física). Centro Regional Universitário de E. S. do Pinhal, Espírito Santo do Pinhal – São Paulo, 2007.

ANTUNES, Danielle Audrey. **O JOGO DA CAPOEIRA PARA LIDAR COM O PRECONCEITO E VIOLÊNCIA ESCOLAR.** Paraná: OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE Artigos, Volume 1, 2013. ISBN 978-85-8015-076-6.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade Cultural.** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamenta**l. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\_EI\_EF\_110518\_versaofinal\_site.pdf>. Acesso em: 28 de Agosto de 2019.

1. Estudante Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência em parceria com a Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco, lorenactgama@gmail.com; [↑](#footnote-ref-0)
2. Estudante Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência em parceria com a Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco, brenda\_flavia@hotmail.com; [↑](#footnote-ref-1)
3. Estudante Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência em parceria com a Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco. brunodbv7@gmail.com;

   4 Professora supervisora da Escola Dom Carlos Coelho inscrita no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência em parceria com a Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco. vivianendsantos@hotmail.com; [↑](#footnote-ref-2)